

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

MARÇO DE 1863

Nº 3

A Luta entre o Passado e o Futuro

Como já nos havia sido anunciado, neste momento acontece uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo. De vários pontos assinalam-se escritos, discursos e até atos de violência e de intolerância. Todos os espíritas devem regozijar-se, porque é a prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por causa de uma mosca que voa?

O que acima de tudo excita essa grande cólera é a prodigiosa rapidez com que a idéia nova se propaga, não obstante tudo quanto fizeram para detê-la. Assim, nossos adversários, forçados pela evidência a reconhecer que esse progresso invade as camadas mais esclarecidas da sociedade e, até mesmo, homens de ciência, estão reduzidos a deplorar esse arrastamento fatal, que conduz a sociedade inteira aos manicômios. A zombaria esgotou seu arsenal de piadas e sarcasmos, e esta arma, que se diz tão terrível, não conseguiu pôr os galhofeiros de seu lado, prova de que não há matéria para riso. Não é menos evidente que não desviou um só partidário da doutrina; longe disso: eles aumentaram a olhos vistos. A razão é muito simples: reconheceu-se prontamente tudo quanto há de profundamente religioso nessa doutrina, que toca as fibras mais sensíveis do coração, que eleva a alma ao infinito, que

faz reconhecer Deus àqueles que o haviam desconhecido. Arrancou tantos homens do desespero, acalmou tantas dores, cicatrizou tantas feridas morais, que as anedotas estúpidas e vulgares a ela atiradas inspiraram mais repulsa que simpatia. Em vão os zombadores deitaram os bofes pela boca para provocar o riso à sua custa. Há coisas das quais sentimos instintivamente que não podemos rir sem cometer um sacrilégio.

Todavia, se algumas pessoas, não conhecendo a doutrina senão pelas facécias dos engraçadinhos, tivessem imaginado que não se tratava de um sonho vão, de lucubrações de um cérebro doentio, o que se passa é bem-feito para os desiludir. Ouvindo tanto discurso furibundo, devem dizer de si para si que é mais sério do que pensavam.

A população pode dividir-se em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes. Se o número de crentes centuplicou em alguns anos, só pode ter sido à custa das duas outras categorias. Mas os Espíritos que dirigem o Movimento acharam que as coisas não caminhavam bastante depressa. Ainda há, disseram eles, muita gente que não ouviu falar de Espiritismo, sobretudo no campo; é tempo de a doutrina ali penetrar. Além disso, é preciso despertar os indiferentes entorpecidos. A zombaria fez o seu papel de propaganda involuntária, mas esgotou todas as flechas de sua aljava; e os dardos que ainda lança estão rombudos; agora é um fogo muito pálido. É preciso algo de mais vigoroso, que faça mais barulho que os folhetins e que repercuta até nas solidões; é preciso que o último vilarejo ouça falar do Espiritismo. Quando a artilharia ribombar, cada um perguntará: O que há? e quererá ver.

Quando fizemos a pequena brochura: *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, perguntamos aos nossos guias espirituais que efeito ela produziria. Responderam-nos: “Produzirá um efeito que não esperas, isto é, teus adversários ficarão furiosos de ver uma publicação destinada, por seu baixíssimo preço, a espalhar-se na

massa e penetrar em toda parte. Já te foi anunciado um grande desdobramento de hostilidades; tua brochura será o sinal. Não te preocupes; já conheces o fim. Eles se irritam em face da dificuldade de refutar teus argumentos.” – Já que é assim, dizemos nós, essa brochura, que deveria ser vendida a 25 centavos, sê-lo-á por dois sous⁶. O acontecimento justificou essas previsões e nós nos congratulamos por isso.

Aliás, tudo o que se passa foi previsto e devia ser para o bem da causa. Quando virdes uma grande manifestação hostil, longe de vos apavorardes, regozijai-vos, pois foi dito: o ribombar do trovão será o sinal da aproximação dos tempos preditos. Orai, então, meus irmãos; orai, sobretudo, pelos vossos inimigos, pois serão tomados de verdadeira vertigem...

Mas nem tudo ainda está realizado. As chamas da fogueira de Barcelona não subiram bastante. Se se repetir em algum lugar, guardai-vos de a extinguir, porquanto, quanto mais se elevar, mais será vista de longe, como um farol, e ficará na lembrança das idades. Não intervenhais, pois, nem oponhais violência em parte alguma; lembrai-vos de que o Cristo disse a Pedro que embainhasse a espada. Não imiteis as seitas que se entredilaceram em nome de um Deus de paz, que cada um invoca em auxílio de seus furores. A verdade não se prova pelas perseguições, mas pelo raciocínio; em todos os tempos as perseguições foram as armas das causas más e dos que tomam o triunfo da força bruta pela razão. A perseguição não é um bom meio de persuasão; pode momentaneamente abater o mais fraco; convencê-lo, jamais. Porque, mesmo no infortúnio em que tiver sido mergulhado exclamará, como Galileu na prisão: *e pur si muove!*⁷ Recorrer à perseguição é provar que se conta pouco com a força da lógica. Jamais useis de represálias: à violência opõe a doçura e uma inalterável tranqüilidade; aos vossos inimigos retribui

6 **N. do T.:** Antiga moeda de cobre ou de níquel; corresponderia a cerca de cinco centavos de franco francês.

7 **N. do T.:** A expressão italiana correta é: *e pur si muove*, embora no original esteja *move*.

o mal com o bem. Por aí dareis um desmentido às suas calúnias e os forcáreis a reconhecer que vossas crenças são melhores do que eles dizem.

A calúnia! direis. Podemos ver com indiferença nossa doutrina indignamente deturpada por mentiras? acusada de dizer o que não diz, ensinar o contrário do que ensina, produzir o mal, quando só produz o bem? A própria autoridade dos que usam tal linguagem não pode falsear a opinião e retardar o progresso do Espiritismo?

Incontestavelmente, eis o seu objetivo. Alcançá-lo-ão? É outra questão; e não hesitamos em dizer que chegarão a um resultado inteiramente contrário: o de se desacreditarem e à sua própria causa. Sem dúvida, a calúnia é uma arma perigosa e pérfida, mas tem dois gumes e fere sempre a quem dela se serve. Recorrer à mentira para se defender é a prova mais forte de que não se têm boas razões para dar, porquanto, se as tivessem, não deixariam de as fazer valer. Dizei que uma coisa é má, se tal for a vossa opinião; gritai-o de cima dos telhados, se for do vosso agrado: ao público cabe julgar se estais certos ou errados. Mas deturpá-la para apoiar o vosso sentimento, desnaturá-la é indigno de todo homem que se respeita. Na crítica das obras dramáticas e literárias muitas vezes se vêem apreciações opostas. Um crítico elogia sem reservas o que outro expõe ao ridículo; é direito seu. Mas o que pensar daquele que, para sustentar a sua censura, fizesse o autor dizer o que não diz e lhe atribuisse maus versos para provar que sua poesia é detestável?

Assim acontece com os detratores do Espiritismo. Pelas calúnias revelam a fraqueza de sua própria causa e a desacreditam, mostrando a que lamentáveis extremos são obrigados a recorrer para a sustentar. Que peso pode ter uma opinião fundada em erros manifestos? De duas, uma: ou esses erros são voluntários e, pois, há má-fé, ou são involuntários e o

autor prova a sua inconseqüência, falando do que não sabe. Num e noutro caso ele perde todo o direito à confiança.

O Espiritismo não é uma doutrina que marche na sombra. É conhecido e seus princípios são formulados de maneira clara, precisa e sem ambigüidades. A calúnia, portanto, não poderia atingi-lo. Para a convencer de impostura basta dizer: lede e vede. Sem dúvida, é útil desmascará-la; mas é preciso fazê-lo com calma, sem azedume nem recriminação, limitando-se a opor, sem discursos supérfluos, o que é ao que não é. Deixai aos vossos adversários a cólera e as injúrias; guardai para vós o papel da força verdadeira: o da dignidade e da moderação.

Aliás, é preciso não exagerar as conseqüências dessas calúnias, que trazem consigo o antídoto de seu veneno e são, em última análise, mais vantajosas que prejudiciais. Elas provocam forçosamente o exame dos homens sérios, que querem julgar as coisas por si mesmos e a isso são animados em razão da importância que lhes é dada. Ora, longe de temer o exame, o Espiritismo o provoca e não lamenta senão uma coisa: é que tanta gente fale dele como os cegos das cores. Mas, graças aos cuidados que os nossos adversários tomam em torná-lo conhecido, em breve este inconveniente não existirá mais; isto é tudo o que pedimos. A calúnia que ressalta de um tal exame o engrandece, ao invés de diminui-lo.

Espíritas, não lamenteis, pois, essas deturpações, porque elas não tiram nenhuma das qualidades do Espiritismo; ao contrário, fá-lo-ão sobressair com mais brilho pelo contraste e confundirão os caluniadores. É bem possível que tais mentiras possam ter o efeito imediato de iludir certas pessoas e, mesmo, afastá-las. Mas, o que é isso? Que são alguns indivíduos junto às massas? Vós mesmos sabeis quanto o seu número é pouco considerável. Que influência pode ter isto no futuro? Esse futuro vos está assegurado: os fatos realizados o respondem e cada dia vos

trazem a prova da inutilidade dos ataques de nossos adversários. A doutrina do Cristo não foi caluniada, qualificada de subversiva e ímpia? Ele mesmo não foi tratado como velhaco e impostor? Inquietou-se por isto? Não, pois sabia que seus inimigos passariam e sua doutrina ficaria. Assim será com o Espiritismo. Singular coincidência! É apenas o retorno à pura lei do Cristo, e o atacam com as mesmas armas! Mas os seus detratores passarão; é uma necessidade à qual ninguém pode subtrair-se. A geração atual se extingue todos os dias e, com ela, vão-se os homens imbuídos dos preconceitos de outra época; a que surge é alimentada por idéias novas e, aliás, sabeis que ela se compõe de Espíritos mais adiantados que, enfim, devem fazer reinar a lei de Deus na Terra. Olhai, pois, as coisas de mais alto; não as vejais do ponto de vista acanhado do presente, mas deitai o olhar para o futuro e dizei: o futuro é nosso; que nos importa o presente? que são as questões pessoais? As pessoas passam, mas as instituições permanecem. Pensai que estamos num momento de transição, que assistimos à luta entre o passado, que se debate e puxa para trás, e o futuro, que nasce e empurra para a frente. Quem vencerá? O passado é velho e caduco – falamos das idéias – enquanto o futuro é jovem e marcha para a conquista do progresso, que está nas leis de Deus. Vão-se os homens do passado; chegam os do futuro. Saibamos, pois, esperar com confiança e nos congratulemos por sermos os pioneiros encarregados de desbravar o terreno. Se tivermos trabalho, teremos salário. Trabalhem, pois, não por uma propaganda furibunda e irrefletida, mas com a paciência e a perseverança do trabalhador que sabe o tempo que lhe falta para aguardar a ceifa. Semeemos a idéia, mas não comprometamos a colheita por uma semeadura intempestiva e por nossa impaciência, antecipando a estação apropriada a cada coisa. Cultivemos, acima de tudo, as plantas férteis, que não pedem senão para germinar. Elas são bastante numerosas para ocupar todos os nossos instantes, sem consumir nossas forças contra os rochedos inamovíveis, que Deus se encarrega de abalar ou de remover quando chegar o tempo, porque se Ele tem o poder de elevar montanhas, também tem o de as

rebaixar. Deixemos a figura e digamos claramente que há resistências que será supérfluo tentar vencer, e que se obstinam mais por amor-próprio ou por interesse do que por convicção. Seria perder tempo procurar trazê-las a nós; elas só cederão perante a força da opinião. Recrutemos os adeptos entre gente de boa vontade, que não falta; aumentemos a falange com todos os que, fatigados pela dúvida e aterrorizados com o nada materialista, pedem apenas para crer, e logo seu número será tal que os outros acabarão por se render à evidência. Já se manifesta o resultado; esperai, pois em pouco vereis em vossas fileiras aqueles que só esperáveis no final.

Falsos Irmãos e Amigos Inábeis

Como demonstramos em nosso artigo precedente, nada poderia prevalecer contra o destino providencial do Espiritismo. Do mesmo modo que ninguém pode impedir a queda daquilo que, pelos decretos divinos – homens, povos ou coisas – deve cair, ninguém pode deter a marcha daquilo que tem de avançar. Em relação ao Espiritismo, esta verdade ressalta dos fatos realizados e, muito mais ainda, de outro ponto capital. Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, um sistema, poderia ser combatido por outro sistema; mas repousa sobre uma lei da Natureza, tão bem quanto o movimento da Terra. A existência dos Espíritos é inerente à espécie humana; não se pode impedir que existam, como não se lhes pode impedir a manifestação, do mesmo modo que não se impede o homem de marchar. Para isso não necessitam de nenhuma permissão e se riem de toda proibição, pois não se deve perder de vista que, além das manifestações mediúnicas propriamente ditas, há manifestações naturais e espontâneas, que se produziram em todos os tempos e que se produzem diariamente num grande número de pessoas que jamais ouviu falar de Espíritos. Quem, pois, poderia opor-se ao desenvolvimento de uma lei da Natureza? Sendo obra de Deus, insurgir-se contra ela é revoltar-se

contra Deus. Estas considerações explicam a inutilidade dos ataques dirigidos contra o Espiritismo. O que os espíritas têm a fazer em presença dessas agressões é continuar pacificamente seus trabalhos, sem fanfarrice, com a calma e a confiança dadas pela certeza de chegar ao fim.

Todavia, se nada pode deter a marcha geral, há circunstâncias que podem provocar entraves parciais, como uma pequena barragem pode retardar o curso de um rio, sem o impedir de correr. Deste número são as atitudes irrefletidas de certos adeptos, mais zelosos que prudentes, que não calculam bem o alcance de seus atos ou de suas palavras, produzindo, por isso mesmo, uma impressão desfavorável sobre as pessoas ainda não iniciadas na doutrina, mais própria a afastá-las que as diatribes dos adversários. Sem dúvida o Espiritismo está muito espalhado; contudo, estaria ainda mais se todos os adeptos tivessem seguido os conselhos da prudência e guardado uma prudente reserva. Sem dúvida é preciso levar-lhes em conta a intenção, mas é certo que mais de um tem justificado o provérbio: *Mais vale um inimigo confesso que um amigo inconveniente*. O pior disto é fornecer armas aos adversários, que sabem explorar habilmente uma inconveniência. Nunca seria demais recomendar aos espíritas que refletissem maduramente antes de agir. Em tais casos manda a prudência não confiar em sua opinião pessoal. Hoje, que de todos os lados se formam grupos ou sociedades, nada mais simples que se pôr de acordo antes de agir. Não tendo em vista senão o bem da causa, o verdadeiro espírita sabe fazer abnegação do amor-próprio. Crer em sua própria infalibilidade, recusar o conselho da maioria e persistir num caminho que se demonstra mau e comprometedor, não é a atitude de um verdadeiro espírita. Seria dar prova de orgulho, se não de obsessão.

Entre as inabilidades é preciso colocar em primeira linha as publicações intempestivas ou excêntricas, por serem os fatos de maior repercussão. Nenhum espírita ignora que os

Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência; muitos dentre eles sabem menos que certos homens e, como certos homens também, têm a pretensão de tudo saber. Sobre todas as coisas têm sua opinião pessoal, que pode ser justa ou falsa. Ora, ainda como os homens, em geral os que têm idéias mais falsas são os mais obstinados. Esses pseudo-sábios falam de tudo, constroem sistemas, criam utopias ou ditam as coisas mais excêntricas, sentindo-se felizes quando encontram intérpretes complacentes e crédulos que lhes aceitam as elucubrações de olhos fechados. Esse tipo de publicação tem grave inconveniente, pois o médium, iludido e muitas vezes seduzido por um nome apócrifo, tem-na como coisa séria, de que se apodera a crítica prontamente para denegrir o Espiritismo, ao passo que, com menos presunção, bastaria que se tivesse aconselhado com os colegas para ser esclarecido. É muito raro, neste caso, que o médium não ceda às injunções de um Espírito que, ainda como certos homens, quer ser publicado a qualquer preço. Com mais experiência ele saberia que os Espíritos verdadeiramente superiores aconselham, mas não impõem nem adulam jamais, e que toda prescrição imperiosa é um sinal suspeito.

Quando o Espiritismo estiver completamente implantado e conhecido, as publicações desta natureza não terão mais inconvenientes que os maus tratados de Ciência em nossos dias. Mas, repetimos, no começo elas incomodam muito. Em matéria de publicidade, portanto, toda circunspeção é pouca e não se calcularia com bastante cuidado o efeito que talvez produzisse sobre o leitor. Em resumo, é um grave erro crer-se obrigado a publicar tudo quanto ditam os Espíritos, porque, se os há bons e esclarecidos, também os há maus e ignorantes. Importa fazer uma escolha muito rigorosa de suas comunicações e suprimir tudo quanto for inútil, insignificante, falso ou susceptível de produzir má impressão. É preciso semear, sem dúvida, mas semear a boa semente e em tempo oportuno.

Passemos a um assunto ainda mais grave: *os falsos irmãos*. Os adversários do Espiritismo – alguns pelo menos, já que os pode haver de boa-fé – não são, como se sabe, tão escrupulosos quanto à escolha dos meios. Para eles toda luta é válida; e quando não podem tomar uma fortaleza de assalto, minam-na. Em falta de boas razões, que são armas leais, vemo-los todos os dias vomitar mentiras e calúnias sobre o Espiritismo. A calúnia é odiosa, bem o sabem, e a mentira pode ser desmentida; assim, procuram fatos para justificar-se. Mas como encontrar fatos comprometedores entre pessoas sérias, senão os produzindo mesmo ou pelos filiados? Como vimos, o perigo não está no ataque aberto, nem nas perseguições, nem mesmo na calúnia. Está nas intrigas ocultas empregadas para desacreditar e arruinar o Espiritismo por si mesmo. Serão bem sucedidos? É o que vamos examinar agora.

Já chamamos a atenção para essa manobra no relatório de nossa viagem de 1862, porque, em nosso caminho, recebemos três beijos de Judas, com os quais não nos enganamos, embora não nos tivéssemos manifestado. Aliás, tínhamos sido prevenidos antes de nossa partida das armadilhas que nos seriam estendidas. Mas ficamos de olho, certo de que um dia seriam desmascarados, porque é tão difícil a um falso espírita, quanto a um Espírito mau, simular um Espírito superior. Nem um nem outro podem sustentar por muito tempo o seu papel.

De várias localidades nos indicam criaturas, homens e mulheres de antecedentes e ligações suspeitas, cujo aparente zelo pelo Espiritismo apenas inspira uma medíocre confiança e não nos surpreendemos de aí encontrar os três judas de que falamos: eles existem nas baixas e nas altas camadas. Da parte deles é muitas vezes mais que zelo; é entusiasmo, uma admiração fanática. Em sua opinião, seu devotamento vai até o sacrifício de seus interesses e, apesar disto, não atraem simpatias: um fluido malsão parece envolvê-los e sua presença nas reuniões lança um manto de gelo. Acrescente-se que existem alguns, cujos meios de subsistência se

tornam um problema, sobretudo na província, onde todo o mundo se conhece.

O que caracteriza principalmente esses pretensos adeptos é a tendência a fazer o Espiritismo sair dos caminhos da prudência e da moderação por seu ardente desejo do triunfo da verdade; a estimular as publicações excêntricas; a extasiar-se de admiração ante as comunicações apócrifas mais ridículas, e que têm o cuidado de espalhar; a provocar nas reuniões assuntos comprometedores sobre política e religião, sempre pelo triunfo da verdade, que não pode ficar debaixo do alqueire; seus elogios aos homens e às coisas são bajulações de arrepiar: são os fanfarrões do Espiritismo. Outros são mais afetados e hipócritas; com olhar oblíquo e palavras melífluas sopram a discórdia enquanto pregam a união. Suscitam com habilidade a discussão de questões irritantes ou ferinas, capazes de provocar dissidências. Excitam uma inveja de predominância entre os vários grupos e ficariam contentíssimos se os vissem a se apedrejarem e, em favor de algumas divergências de opinião sobre certas questões de forma ou de fundo, geralmente provocadas, erguem bandeira contra bandeira.

Alguns, ao que dizem, contraem enorme despesa com livros espíritas, de que os livreiros não se dão conta, e uma excessiva propaganda. Mas, por obra do acaso, a escolha de seus adeptos é infeliz; uma fatalidade os leva a se dirigirem de preferência a pessoas exaltadas, de idéias obtusas ou que já deram sinais de aberração; depois de um insucesso que deploram gritando em toda parte, constata-se que essa gente se ocupava do Espiritismo, do qual, a maior parte do tempo, não entendia patavina. Aos livros espíritas que esses zelosos apóstolos distribuem generosamente, muitas vezes adicionam, não críticas, pois seria falta de habilidade, mas livros de *magia e feitiçaria* ou escritos políticos pouco ortodoxos, ou ignóbeis diatribes contra a religião, a fim de que, surgindo um malogro qualquer, fortuito ou não, se possa confundir tudo numa verificação posterior.

Como é mais cômodo ter as coisas à mão, para ter comparsas dóceis, o que não se encontra em toda parte, alguns organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupam de preferência daquilo que o Espiritismo recomenda não se ocuparem, e onde se tem o cuidado de atrair estranhos, que nem sempre são amigos. Aí o sagrado e o profano estão indignamente confundidos; os mais venerados nomes são associados às mais ridículas práticas da magia negra, acompanhadas de sinais e palavras cabalísticas, talismãs, tripés sibilinos e outros acessórios. Alguns acrescentam, como complemento, e por vezes, visando ao lucro, a cartomancia, a quiromancia, a borra de café, o sonambulismo pago, etc. Espíritos complacentes, que aí encontram intérpretes não menos complacentes, predizem o futuro, lêem a buena-dicha, descobrem tesouros ocultos e tios na América e, caso necessário, indicam a cotação da Bolsa e os números premiados da loteria. Depois, um belo dia, a justiça intervém ou a gente lê num jornal a descrição de uma sessão de Espiritismo à qual o autor assistiu e conta o que viu com os próprios olhos.

Tentareis trazer toda essa gente a idéias mais sãs? Seria trabalho perdido, e compreende-se por que: a razão e o lado sério da doutrina não lhes interessa; é o que mais os contraria; dizer-lhes que prejudicam a causa, que fornecem armas aos inimigos é lisonjeá-los; seu objetivo é desacreditá-la, tendo o ar de a defender. Instrumentos, não temem comprometer os outros, fazendo que sofram os rigores da lei, nem a si mesmos, pois sabem encontrar uma compensação.

Nem sempre seu papel é idêntico; varia conforme a posição social, as aptidões, a natureza de suas relações e o elemento que os faz agir, embora o fim seja sempre o mesmo. Nem todos empregam meios tão grosseiros, mas não menos pífidos. Ledes certas publicações que se dizem simpáticas à idéia, mesmo as que aparentam defendê-la; examinai todos os pensamentos e vede se, às vezes, ao lado de uma aprovação posta à guisa de cobertura e de

etiqueta, não descobris, como que lançado ao acaso, um pensamento insidioso, uma insinuação de duplo sentido, um fato relatado de modo ambíguo e que pode ser interpretado num sentido desfavorável. Entre estes, uns são menos velados e, sob o manto do Espiritismo, visam suscitar divisões entre os adeptos.

Certamente perguntarão se todas as torpezas de que acabamos de falar se devem, invariavelmente, a manobras ocultas ou a uma comédia com fim interesseiro, ou se, também, não podem resultar de um movimento espontâneo; numa palavra, se todos os espíritas são homens de bom-senso e incapazes de se enganar?

Pretender que todos os espíritas sejam infalíveis seria tão absurdo quanto a pretensão dos nossos adversários de deterem o privilégio exclusivo da razão. Mas se alguns se enganam, é que se equivocam quanto ao sentido e ao fim da doutrina. Neste caso sua opinião não pode fazer lei, e é ilógico e desleal, conforme a intenção, tomar a idéia individual pela idéia geral, e explorar uma exceção. Seria o mesmo que tomar as aberrações de alguns sábios como regras da Ciência. A esses diremos: se quiserdes saber de que lado está a presunção de verdade, estudai os princípios admitidos pela imensa maioria, se não, ainda, pela unanimidade absoluta dos espíritas do mundo inteiro.

Podem, pois, os crentes de boa-fé enganar-se e não os incriminamos por não pensarem como nós. Se, entre as torpezas relatadas acima, algumas não passassem de opinião pessoal, nelas não veríamos senão desvios isolados, lamentáveis; seria, porém, injusto responsabilizar a doutrina, que as repudia abertamente. Mas se dizemos que pode ser o resultado de manobras interesseiras, é que nosso quadro é feito sobre modelos. Ora, como é a única coisa que o Espiritismo tem realmente a temer no momento, convidamos todos os adeptos sinceros a se porem em guarda, evitando as armadilhas que lhes poderiam estender. Para tanto, jamais seriam bastante circunspetos quanto à escolha dos

elementos a introduzir nas reuniões, nem repeliriam com excessivo cuidado as sugestões que tendessem a desnaturar o caráter essencialmente moral. Mantendo nisto a ordem, a dignidade e a gravidade que convém a homens sérios, que se ocupam com coisas sérias, fecharão o acesso aos mal-intencionados, que se retirarão quando reconhecerem que aí nada têm a fazer. Pelos mesmos motivos, devem declinar de toda solidariedade com as reuniões formadas fora das condições prescritas pela sã razão e os verdadeiros princípios da doutrina, se não os puderem conduzir ao bom caminho.

Como se vê, há certamente uma grande diferença entre os falsos irmãos e os amigos inábeis, mas, sem o querer, o resultado pode ser o mesmo: desacreditar a doutrina. A nuance que os separa freqüentemente está apenas na intenção, o que, por vezes, poderia confundi-los, e, vendo-os servir os interesses do partido contrário, supor que por este foram conquistados. A circunspeção, pois, sobretudo neste momento, é mais necessária que nunca, porquanto não devemos esquecer que palavras, ações ou escritos inconsiderados são explorados, e que os adversários estão satisfeitiíssimos por poderem dizer que isto vem dos espíritos.

Neste estado de coisas, compreende-se que armas a especulação, tendo em vista os abusos que pode suscitar, haverá de oferecer aos detratores para apoiar a acusação de charlatanice. Em certos casos, portanto, isto pode ser uma armadilha, da qual se deve desconfiar. Ora, como não há charlatanice filantrópica, a abnegação e o desinteresse absolutos dos médiuns tiram aos detratores um de seus mais poderosos meios de denegrir, cortando pela raiz toda discussão a respeito.

Levar a desconfiança ao excesso seria um grave erro, sem dúvida, mas, em tempos de luta e quando se conhece a tática do inimigo, a prudência torna-se uma necessidade que, aliás, não exclui a moderação nem a observação das conveniências, das quais

não devemos jamais nos separar. Por outro lado não nos poderíamos equivocar quanto ao caráter do verdadeiro espírita; há nele uma franqueza de atitudes que desafia toda suspeição, sobretudo quando corroborada pela prática dos princípios da doutrina. Que se levante bandeira contra bandeira, como procuram fazer nossos antagonistas: o futuro de cada um está subordinado à soma de consolações e satisfações morais que elas trazem. Um sistema não pode prevalecer sobre outro senão sob a condição de ser mais lógico, e só a opinião pública pode julgar com soberania. Em todo o caso, a violência, as injúrias e a acrimônia são maus antecedentes e uma recomendação ainda pior.

Resta examinar as conseqüências desse estado de coisas. Tais intrigas podem, incontestavelmente, levar a algumas perturbações parciais, momentâneas, razão por que é preciso abortá-las tanto quanto possível. Contudo, não poderiam prejudicar o futuro: primeiramente, porque não terão tempo, desde que são manobras da oposição, que cairá pela força das coisas; em segundo lugar porque, digam o que disserem, jamais tirarão à doutrina seu caráter distintivo, sua filosofia racional e sua moral consoladora. Por mais que a torturem e deturpem, por mais que façam falar os Espíritos à sua vontade ou reúnam comunicações apócrifas para lançar contradições de permeio, não farão prevalecer um ensino isolado, ainda que verdadeiro ou imaginário, contra o que é dado por toda parte. O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias pelo fato de não ser o produto da concepção de um só homem, mas de um ensino que cada um pode receber em todos os pontos do globo, e tal é a consagração que recebeu *O Livro dos Espíritos*. Escrito sem equívocos possíveis e ao alcance de todas as inteligências, esse livro será sempre a expressão clara e exata da doutrina e a transmitirá intacta aos que vierem depois de nós. As cóleras que excita são indícios do papel que ele é chamado a representar, e da dificuldade de lhe opor algo de mais sério. O que fez o rápido sucesso da doutrina espírita são as consolações e as esperanças que dá. Todo sistema que, pela negação dos princípios

fundamentais, tendesse a destruir a própria fonte dessas consolações, não poderia ser acolhido com simpatia.

Não se deve perder de vista que estamos, como já o dissemos, em momento de transição, e que nenhuma transição se opera sem conflito. Não se admirem, pois, de ver agitarem-se as paixões em jogo, as ambições comprometedoras, as pretensões malogradas, e cada um tentar recuperar o que vê escapar, agarrando-se ao passado. Mas, pouco a pouco tudo isto se extingue, a febre se acalma, os homens passam e as idéias novas ficam. Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, olhai vinte anos para a frente e o presente não vos inquietará.

Morte do Sr. Guillaume Renaud, de Lyon

Domingo, 1º de fevereiro, foram realizadas em Lyon as exéquias do Sr. Guillaume Renaud, antigo oficial, condecorado com a medalha de Santa Helena e um dos mais antigos e fervorosos espíritas daquela cidade, muito conhecido entre seus irmãos em crença. Embora sobre alguns pontos de forma, que combatemos, aliás pouco importantes e que não atingem a doutrina, professasse idéias particulares que não eram partilhadas por todos, não deixava de ser menos amado e estimado pela bondade de seu caráter e por suas eminentes qualidades morais; e nós mesmos, caso estivéssemos em Lyon naquela ocasião, teríamos tido prazer em lançar algumas flores sobre o seu túmulo. Que ele receba aqui, bem como sua família e amigos particulares, o testemunho de nossa afetuosa lembrança.

Homem simples e modesto, o Sr. Renaud quase não era conhecido fora de Lyon. Entretanto, sua morte repercutiu até num vilarejo da Haute-Saône, onde foi contada no púlpito, domingo, 8 de fevereiro, do seguinte modo:

O vigário da paróquia, entretendo os paroquianos com os *horrores* do Espiritismo, acrescentou que “o chefe dos espíritas de Lyon havia morrido há três ou quatro dias; que tinha recusado os sacramentos; que ao seu enterro não havia comparecido mais que dois ou três espíritas, sem parentes nem sacerdotes; que se o chefe dos espíritas (fazendo alusão ao Sr. Allan Kardec) morresse, ele o lamentaria, se fizesse como o de Lyon. Depois concluiu, dizendo nada negar dessa doutrina, nada afirmar, a não ser que era o demônio que agia contra a vontade de Deus.”

Se quiséssemos refutar todas as falsidades que atribuem ao Espiritismo, na tentativa de desmascarar o seu objetivo e o seu caráter, encheríamos nossa *Revista*. Como isto pouco nos inquieta, deixemos que falem, limitando-nos a recolher as notas que nos enviam, para utilizá-las posteriormente – se houver oportunidade – na história do Espiritismo. Nas circunstâncias que acabamos de falar, trata-se de um fato material, sobre o qual o sr. vigário sem dúvida foi mal informado, pois não queremos supor que conscientemente tenha ele querido induzir em erro. Por certo procederia melhor se tivesse agido com menos ardor e esperasse informes mais exatos.

Acrescentaremos que, há pouco tempo, a propósito da morte de um de seus habitantes, fizeram espalhar naquela comuna o boato, por certo de muito mau gosto, que a Sociedade dos *Irmãos Batedores*, composta de sete ou oito indivíduos da comuna, queria ressuscitar os mortos, pondo-lhes na frente emplastos, feitos com uma pomada preparada pela Sociedade Espírita de Paris; que essa sociedade de irmãos batedores ia visitar todas as noites o cemitério para dar nova vida aos mortos. As mulheres e a gente moça do bairro ficaram apavoradas a ponto de não mais ousarem sair de casa, com medo de encontrar defuntos.

Lamentavelmente, mais não era preciso para impressionar algum cérebro fraco ou doentio e, se acontecesse um acidente, logo se cuidaria de o debitar à conta do Espiritismo.

Voltemos ao Sr. Renaud. Durante sua doença, inúteis esforços foram tentados para que ele fizesse uma autêntica abjuração de suas crenças espíritas. Apesar disso, um venerável sacerdote o confessou e lhe deu a absolvição. É verdade que depois disto quiseram retirar o certificado de confissão e a absolvição foi declarada nula pelo clero de Saint-Jean, como tendo sido dada *precipitadamente*. É um caso de consciência que não nos incumbiremos de resolver. Daí esta reflexão muito justa, feita em público, que aquele que recebe a absolvição antes de morrer não pode saber se é válida ou não, pois com a melhor intenção pode um padre dá-la de maneira precipitada. O clero, pois, se recusou obstinadamente a receber o corpo na igreja, porque o Sr. Renaud não quis retratar-se de nenhuma das convicções que lhe haviam dado tantas consolações e feito suportar com resignação as provas da vida.

Por um sentimento de conveniência, que apreciarão, e em razão das pessoas que seríamos forçados a designar, passamos em silêncio as lamentáveis manobras que foram tentadas, as mentiras que foram inventadas para provocar desordem nesta circunstância. Apenas nos limitamos a dizer que foram completamente frustradas pelo bom-senso e prudência dos espíritas que, a respeito, receberam provas da benevolência das autoridades. Recomendações haviam sido feitas por todos os chefes de grupos, a fim de não se responder a nenhuma provocação.

Em face da recusa do clero de conceder as orações da Igreja, o corpo foi levado diretamente de casa ao cemitério, seguido por perto de mil pessoas, entre as quais se achavam cerca de cinquenta senhoras e moças, o que não é hábito em Lyon. Sobre o túmulo e apropriada à circunstância, foi lida uma prece por um dos assistentes e por todos ouvida, cabeça descoberta, em religioso recolhimento. Em seguida a multidão retirou-se, silenciosa e, como havia começado, tudo terminou na mais perfeita ordem.

Como contraste diremos que o Sr. Sanson, nosso antigo colega, recebeu todos os sacramentos antes de morrer; que foi levado à igreja e acompanhado por um padre ao cemitério, embora tivesse previamente declarado de modo formal que era espírita e não renegaria nenhuma de suas convicções. “Entretanto, disse-lhe o padre, se eu condicionasse a absolvição a esta negação, que fareis? – Lamentaria muito, respondeu o Sr. Sanson, mas persistiria, porquanto vossa absolvição de nada valeria. – Como assim? Então não credes na eficácia da absolvição? – Sim, mas não creio na virtude de uma absolvição recebida por hipocrisia. Ouvi-me: para mim o Espiritismo não é apenas uma crença, um artigo de fé; é um fato tão patente quanto a vida. Como quereis que eu negue um fato que me é demonstrado como o dia que nos ilumina e ao qual devo a cura miraculosa da minha perna? Se o fizesse, seria com os lábios e não com o coração; eu seria perjuro. Assim, daríeis absolvição a um traidor. Digo que de nada valeria porque a daríeis *pro forma* e não pelo fundo. Eis por que preferiria dela ser dispensado. – Meu filho, replicou o padre, sois mais cristão do que muitos que dizem sê-lo.

Recolhemos estas palavras do próprio Sr. Sanson.

Circunstâncias semelhantes às do Sr. Renaud podem apresentar-se aqui ou alhures. Esperamos, pois, que todos os espíritas hão de seguir o exemplo dos confrades de Lyon, e que em nenhum caso desistam da moderação, que é uma conseqüência dos princípios da doutrina e a melhor resposta a dar aos seus detratores, que só buscam pretextos para motivar os seus ataques.

Evocado num grupo central de Lyon, trinta e seis horas depois de sua morte, o Sr. Renaud deu a seguinte comunicação:

“Ainda estou um pouco embaraçado para comunicar-me e, não obstante encontre aqui rostos amigos e corações simpáticos, sinto-me quase envergonhado ou, para melhor dizer, meu pensamento está um pouco imaturo. Oh! senhora B..., que

diferença e quanta mudança na minha posição! Muito obrigado por vossa constante afeição; obrigado, Sra. V..., por vossas boas visitas, por vossa consideração.

“Perguntais e quereis saber o que me aconteceu desde ontem. Comecei a me desligar do corpo pela manhã. Parecia que me evaporava; sentia o sangue coagular-se nas veias e pensava que ia aniquilar-me. Pouco a pouco perdi a percepção das idéias e adormeci com certa dor compressiva; depois despertei e então vi à minha volta Espíritos que me cercavam e me festejavam; então experimentei alguma confusão: não distinguia bem os mortos e os vivos; as lágrimas e as alegrias me perturbaram um pouco a cabeça, e de todos os lados me chamavam, como ainda me chamam neste momento. Sim, graças aos verdadeiros amigos que me protegeram, evocado e encorajado nesta dura passagem, pois há sofrimento no desligamento, e não é sem dor muito viva que o Espírito deixa o corpo, compreendo o grito de chegada e me explico o suspiro da partida. Já fui evocado várias vezes e estou fatigado como um viajor que atravessou a noite.

“Antes de partir, permitiríeis que eu voltasse e vos apertasse a mão?”

G. Renaud

O Sr. Renaud foi evocado na Sociedade de Paris. A falta de espaço nos obriga a adiar a publicação.

Resposta da Sociedade Espírita de Paris sobre Questões Religiosas

(Resumo da ata da sessão de 13 de fevereiro de 1863)

Foi comunicada uma carta endereçada de Tonnay-Charente (Charente-Inférieure) ao Sr. Allan Kardec, contendo respostas ditadas a um médium daquela cidade, sobre perguntas das

mais delicadas dos dogmas da Igreja. Tais perguntas, dirigidas ao Espírito de *Jesus, filho de Deus*, evocado para tal fim, são estas:

1º O inferno é eterno?

2º Poderíeis pôr ao alcance de minha inteligência a explicação que vos pedi sobre a *ceia* que precedeu a vossa paixão?

3º Por que se realizou a vossa paixão?

4º Que devo pensar da comunhão? Estais na hóstia, meu Jesus?

5º Que tem de comum o poder temporal com o poder espiritual para não se poderem separar?

6º Que tem o amor de tão precioso para estar no coração de todos os homens?

7º O que é a História Sagrada e quem a fez?

8º O que significam estas palavras: história sagrada?

Pede o autor da carta que a Sociedade se pronuncie em sessão solene sobre o valor das respostas que ele obteve e sobre a autenticidade do nome do Espírito que as deu.

Depois de haver examinado o assunto, o comitê propõe a resolução seguinte, cuja leitura é feita à Sociedade, que a aprova calorosamente, por unanimidade, e pede sua inserção na *Revista Espírita* para instrução de todos, e a fim de que se compreenda a inutilidade, no futuro, de se dirigirem perguntas sobre temas semelhantes.

Se o autor se tivesse limitado à primeira pergunta, bastaria enviá-la a *O Livro dos Espíritos*, onde ela é tratada. Aliás, a questão é mal formulada; não se sabe se ele entende a eternidade como um lugar de expiação, ou das penas infligidas a cada indivíduo.

**DECISÃO TOMADA PELA SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS SOBRE
PERGUNTAS PROPOSTAS PELO SR. ..., DE TONNAY-CHARENTE,
NA SESSÃO DE 13 DE FEVEREIRO DE 1863.**

A Sociedade Espírita de Paris, depois de tomar conhecimento da carta do Sr. ..., e das perguntas sobre as quais deseja que ela se pronuncie em sessão solene, sente-se no dever de lembrar ao autor da carta que o fim essencial do Espiritismo é a destruição das idéias materialistas e o melhoramento moral do homem; que ele não se ocupa de modo algum de discutir os dogmas particulares de cada culto, deixando sua apreciação à consciência de cada um; que desconhecer tal fim seria dele fazer instrumento de controvérsia religiosa, cujo efeito seria perpetuar um antagonismo que ele tende a fazer desaparecer, chamando todos os homens para a bandeira da caridade, levando-os a não verem em seus semelhantes senão irmãos, sejam quais forem suas crenças. Se, em certas religiões, há dogmas questionáveis, é preciso deixar ao tempo e ao progresso das luzes o cuidado de sua depuração; o perigo dos erros que poderiam encerrar desaparecerá à medida que os homens fizerem do princípio da caridade a base de sua conduta. O dever dos verdadeiros espíritas, dos que compreendem o fim providencial da doutrina, é, pois, antes de tudo, dedicar-se a combater a incredulidade e o egoísmo, que são as verdadeiras chagas da Humanidade, e a fazer prevalecer, tanto pelo exemplo quanto pela teoria, o sentimento de caridade, que deve ser a base de toda religião racional, e servir de guia nas reformas sociais. As questões de fundo devem passar à frente das questões de forma. Ora, as questões de fundo são as que têm por objetivo tornar melhores os homens, considerando-se que todo progresso social ou outro não pode ser senão consequência do melhoramento das massas; é para isto que tende o Espiritismo e por aí prepara os caminhos a todos os gêneros de progressos morais. Querer agir de outra forma é começar o edifício pela cumeeira, antes de lhe assentar os alicerces; é semear em terreno que não foi arroteado.

Como aplicação dos princípios acima, a Sociedade Espírita de Paris se declara impedida, por seus regulamentos, de interferir em todas as questões de controvérsia religiosa, de política e de economia social, e não cederá a nenhuma provocação que tenda a desviá-la desta linha de conduta.

Em razão disto não emitirá, nem oficial nem oficiosamente, opinião quanto ao valor das respostas ditadas ao médium..., respostas essencialmente dogmáticas e, mesmo, políticas, e, ainda menos, fazê-las objeto de uma discussão solene, como pede o autor da carta.

Quanto ao livro que deve tratar dessas questões, e cuja publicação é prescrita pelo Espírito que a ditou, a Sociedade não vacila em declarar que considera tal publicação inoportuna e perigosa, naquilo que poderia fornecer armas aos inimigos do Espiritismo. Por conseguinte, crê do seu dever desaprová-la, como desaprova toda publicação própria a falsear a opinião sobre o fim e as tendências da doutrina.

No que respeita à natureza do Espírito que ditou aquelas comunicações, a Sociedade julga dever lembrar que o nome que toma um Espírito jamais é garantia de sua identidade; que não se poderia ver uma prova de superioridade nalgumas idéias justas que emita, se com estas encontramos outras falsas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são lógicos e conseqüentes em tudo o que dizem. Ora, não é este o caso de que se trata. Sua pretensão de crer que esse livro deve ter como conseqüência levar o governo a modificar certas partes de sua política, bastaria para fazer duvidar de sua elevação e, melhor ainda, do nome que toma, porque isto não é racional. Sua insuficiência ressalta ainda de dois outros fatos não menos característicos.

O primeiro é que é completamente falso que o Sr. Allan Kardec tenha recebido missão, como pretende o Espírito, de

examinar e fazer publicar o livro de que se trata. Se tem a missão de o examinar, não pode ser senão para fazer sentir os inconvenientes e combater a sua publicação.

O segundo fato está na maneira pela qual o Espírito exalta a missão do médium, o que jamais fazem os Espíritos bons, e o que fazem, ao contrário, os que querem impor-se, captando-lhes a confiança por meio de belas palavras, com ajuda das quais esperam fazer passar o resto.

Em resumo, torna-se evidente para a Sociedade que o nome com que se adorna o Espírito, que diz ser o Cristo, é apócrifo. Ela se julga no dever de exortar o autor da carta, bem como o seu médium, a não se deixarem iludir por tais comunicações e a se restringirem ao objetivo essencial do Espiritismo.

François-Simon Louvet, do Havre⁸

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

Tereis piedade de um pobre miserável que passa há muito por cruéis torturas? Oh! o vácuo... o espaço... despenho-me... caio...! Acudam-me! Meu Deus, eu tive uma existência tão miserável!... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo... Quis morrer e atirei-me... Oh! meu Deus, que momento!... E para que tal desejo, quando o termo estava tão próximo? Ora! para que eu não veja incessantemente este vácuo debaixo de mim... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto...

8 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo V.

Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivera fome, em vez deste sofrimento mais terrível e, aliás, imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim. Não posso permanecer por mais tempo neste estado. Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão, e sabereis quem fui. Orai por mim.

François-Simon Louvet

Logo depois o Espírito protetor do médium disse: Esse que acaba de se dirigir a ti, minha filha, foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e o desventurado, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que lobriga da vida futura o bastante para sofrer e desejar uma reparação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória. Estou feliz por vos ver reunidos, meus caros filhos; estou convosco quando vos reunis assim. Estou sempre pronto a vos dar os meus ensinamentos. Se um Espírito bom não pudesse comunicar-se convosco por falta de condições físicas, eu seria seu intermediário; mas estais cercados de Espíritos bons e eu deixo que vos instruem. Perseverai nos caminhos do Senhor e sereis abençoados. Tende paciência nas provas, não vos recuseis a fazer o bem pela ingratidão dos homens. Em breve os homens serão melhores e os tempos estão próximos. Adeus, meus bem-amados; eu vos acompanho nas vossas tristezas como nas vossas alegrias. A paz esteja convosco.

Teu Espírito protetor

Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:

“Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: – um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para casa de uma das suas filhas, na rua da Corderie. Tinha 67 anos de idade.”

Observação – Um incrédulo, a quem foi relatado o fato mediúnico, como prova das comunicações de além-túmulo, respondeu: “Mas quem sabe se o médium não tinha conhecimento do *Journal du Havre* e se não construiu o romance com a notícia?” Como se vê, a trapaça é sempre o último reduto dos negadores, quando não se podem dar conta de um fato cuja evidência material não deve ser posta em dúvida. Com eles nem mesmo basta mostrar que não se tem nada nas mãos nem nos bolsos, porque, dizem, os escamoteadores fazem o mesmo e, entretanto, desafiam a argúcia do observador.

A isto perguntamos, por nossa vez, que interesse teria o médium em representar a comédia? Aqui nem se pode supor um interesse de amor-próprio numa coisa que se passa na intimidade da família, quando não se enganaria a si mesmo e aos seus. Aliás, quando a gente quer divertir-se, não se escolhem assuntos desta natureza, pouco recreativos, e não é admissível que uma moça piedosa misture o nome de Deus a uma brincadeira grosseira. O desinteresse absoluto e a honorabilidade da pessoa são as melhores garantias de sinceridade e a resposta mais peremptória a dar em casos que tais.

Além disso, faremos notar o castigo infligido ao suicida. Morto há seis anos, ele se vê sempre caindo da torre e indo quebrar-se nas pedras; espanta-se com o vazio que há em sua frente; e isto há seis anos! Quanto tempo durará? Ele não o sabe e a incerteza lhe aumenta a angústia. Isto não equivale ao inferno e

suas labaredas? Quem nos revelou tais castigos? Nós os inventamos? São os próprios que os sofrem que no-los vêm descrever, como outros descrevem as suas alegrias.

Conversas de Além-Túmulo

CLARA RIVIER

(Sociedade Espírita de Paris, 23 de janeiro de 1863
– Médiun: Sr. Leymarie)

O Sr. J..., médico em... (Gard), nos transmite o fato seguinte:

“Uma família de trabalhadores, meus vizinhos de campo, tinha uma menina de dez anos, chamada Clara, completamente enferma desde os quatro anos. Durante toda a sua vida jamais soltou um único lamento, nem demonstrou o mais leve sinal de impaciência. Embora sem instrução, consolava a família aflita, discorrendo sobre a vida futura e a felicidade que ali devia encontrar. Morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante as quais não deixou de orar a Deus. Dizia ela: ‘Não temo a morte, porque depois uma vida de felicidade me está reservada.’ A seu pai, que chorava, dizia: ‘Consola-te; virei te visitar; minha hora está próxima, eu o sinto; mas quando chegar saberei e te prevenirei antes.’ Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de realizar-se, chamou todos os seus e disse: ‘Não tenho mais que cinco minutos de vida; dai-me as vossas mãos.’ E expirou, conforme anunciara.

“Desde então, um Espírito batedor veio visitar a casa dos Rivier, onde derruba tudo. Bate na mesa como se tivesse uma clava; agita os lençóis e as cortinas, mexe na louça e joga bolas nos celeiros. Este Espírito apareceu sob a forma de Clara à irmãzinha desta, que tem apenas cinco anos. Segundo a criança, sua irmã lhe falou muitas vezes, e o que exclui qualquer sentimento de incerteza

é que as aparições lhe fazem soltar gritos de alegria, ou lamúrias, se não fazem imediatamente o que ela deseja, isto é, apagar o fogo e todas as luzes no quarto, onde ocorre a visão, durante a qual a criança não deixa de dizer: ‘Mas vede como Clara está linda!’

“Desejando saber o que queria Clara, esta pediu ao pai Rivier que lhe devolvesse os cabelos que lhe haviam cortado, conforme costume da região. Mas, não obstante tivessem os pais satisfeito o desejo, levando os cabelos ao túmulo, o Espírito continuou as visitas e o barulho, que eu mesmo testemunhei, a ponto de os vizinhos e amigos se comoverem. Então admoestei os pais, perguntando se não tinham nada a se censurarem em relação a alguém, ou cometido alguma ação desleal; que era provável que o Espírito os atormentasse enquanto não tivessem reparado suas faltas, para o que os aconselhei a refletir seriamente sobre isto.

“Durante uma ausência de dez dias, a que me vi forçado, a obsessão tomou um caráter mais violento, a ponto de Rivier ter lutado corpo a corpo e sido derrubado. O terror apoderou-se desses infelizes e eles foram consultar um médium, o qual os aconselhou a dar uma esmola geral a todos os pobres da região, favor que durou dois dias. Comunicar-vos-ei o resultado; entretanto, ficarei muito feliz se receber vossos conselhos a respeito.”

1. Evocação de Clara Rivier.

Resp. – Estou junto a vós, disposta a responder.

2. De onde vos vêm, embora tão jovem e sem instrução, as idéias elevadas que exprimíeis sobre a vida futura, antes de vossa morte?

Resp. – Do pouco tempo que devia passar no vosso globo e de minha precedente encarnação. Eu era médium quando deixei a Terra e médium ao voltar entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que dizia.

3. Como se explica que uma criança de vossa idade não tenha soltado um único lamento durante quatro anos de sofrimentos?

Resp. – Porque o sofrimento físico era dominado por uma força maior, a de meu anjo-da-guarda, que eu via continuamente perto de mim. Ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; tornava minha vontade mais forte que a dor.

4. Como fostes prevenida do instante da morte?

Resp. – Meu anjo-da-guarda mo dizia; ele jamais me enganou.

5. Dissestes ao vosso pai: “Consola-te; virei te visitar.” Como é possível que, animada de tão bons sentimentos para com os pais, vínheis atormentá-los após a morte, fazendo barulho em sua casa?

Resp. – Sem dúvida eu tive uma prova, ou, antes, uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais, credes que seja por nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas ocasionadas pela minha presença são um aviso. Sou auxiliada por outros Espíritos, cuja turbulência tem um alcance, como tenho o meu aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão surgir. Meus pais tinham uma prova a sofrer; ela logo cessará, mas somente depois de haver levado a convicção a uma multidão de pessoas.

6. Assim, não sois vós pessoalmente que causais essa perturbação?

Resp. – Sou ajudada por outros Espíritos que servem à prova reservada a meus queridos pais.

7. Como se explica que vossa irmã vos tenha reconhecido, se não sois vós que produzis as manifestações?

Resp. – Minha irmã só viu a mim. Ela dispõe agora de uma dupla vista e não será a última vez que minha presença virá consolá-la e encorajá-la.

8. A esmola geral que foi aconselhada aos vossos pais terá por efeito fazer cessar a obsessão?

Resp. – A obsessão terminará quando chegar o tempo requerido para isto. Mas, crede, a prece e a fé dão grande força para dominar a obsessão; a própria esmola é uma prece: serve para consolar e assim nos ajuda a levar a convicção a muitos corações. É pela fé que devemos levantar e salvar toda uma população. Que importa se os inimigos do Espiritismo gritam que é o demônio! Esse grito em todos os tempos favoreceu o seu conhecimento; e para um que se submete, há cem cuja curiosidade leva ao estudo. Na verdade, a obsessão e a subjugação são provas para quem as sofre, mas, ao mesmo tempo, um caminho aberto a novas convicções. Esses fatos obrigam a falar dos Espíritos, cuja existência não se pode negar, vendo o que eles fazem.

Observação – Parece evidente que, nesta circunstância, a esmola aconselhada ao casal Rivier era, ao mesmo tempo, uma prova para eles, mais ou menos proveitosa, conforme a maneira pela qual tenha sido feita, e um meio de chamar a atenção de um maior número de pessoas para esses fenômenos. É um meio de provar que o Espiritismo não é obra do demônio, desde que aconselha o bem e a caridade para combater aquilo a que chamam demônios. Que podem os adversários do Espiritismo contra manifestações deste gênero? Podem proibir que se ocupem com os Espíritos, mas não podem impedir que os Espíritos venham, e a prova disso é que essas manifestações se produzem nas próprias casas de pessoas que não as querem provocar e que, por sua reputação de santidade, parece que as deveriam desafiar, caso se tratasse do diabo. Contra fatos não há oposição nem negação que possam prevalecer; donde é preciso concluir que o Espiritismo deve seguir o seu curso.

9. Por que, tão jovem ainda, fostes afligida por tantas enfermidades?

Resp. – Eu tinha faltas anteriores a expiar; tinha abusado da saúde e da brilhante posição que desfrutava na precedente

encarnação. Então Deus me disse: “Gozaste intensamente, excessivamente: sofrerás do mesmo modo; eras orgulhosa: serás humilde; eras vaidosa da tua beleza: serás reduzida a nada; em vez da vaidade esforçar-te-ás por adquirir a caridade e a bondade.” Fiz segundo a vontade de Deus e meu anjo-da-guarda me ajudou.

10. Gostariéis de dizer algo aos vossos pais?

Resp. – A pedido de um médium, meus pais fizeram muita caridade; estavam certos em nem sempre orar apenas com os lábios: é preciso fazê-lo com a mão e o coração. Dar aos que sofrem é orar; é ser espírita.

O livre-arbítrio foi dado por Deus a todas as almas, isto é, a faculdade de progredir; a todas deu a mesma aspiração e é por isso que o sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa. Assim, aproximai as distâncias pela caridade; introduzi o pobre em vossa casa, encorajai-o, levantai-o, não o humilheis. Se em toda parte se soubesse praticar essa grande lei da consciência, não se teria, em determinadas épocas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para os castigar e lhes abrir os olhos.

Caros pais, orai a Deus; amai-vos; praticai a lei do Cristo: não fazer aos outros o que não quereriéis que vos fosse feito; implorai a Deus que vos prove, mostrando que a sua vontade é santa e grande como Ele. Preparai-vos para o futuro, armados de coragem e perseverança, porquanto ainda sois chamados a sofrer. É preciso saber merecer uma boa posição num mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se transforma na punição dos Espíritos maus.

Estarei sempre ao vosso lado, caros pais. Adeus, ou melhor, até logo. Tende resignação, caridade, amor aos semelhantes e um dia sereis felizes.

Observação – Eis um belo pensamento: “O sofrimento atinge mais de perto os felizardos da Terra do que geralmente se pensa.” É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma posição brilhante a outra humilde e miserável, pois muitas vezes expiam, num meio ínfimo, o abuso dos dons que Deus lhes houvera concedido. É uma justiça que todos compreendem.

Outro pensamento não menos profundo é o que atribui as calamidades dos povos à infração da lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. É certo que se praticassem a lei de caridade, não haveria guerras, nem grandes misérias. É à prática dessa lei que conduz o Espiritismo. Será por isso que encontra inimigos tão encarniçados? As palavras dessa mocinha a seus pais serão as de um demônio?

Fotografia dos Espíritos

O *Courrier du Bas-Rhin* de sábado, 3 de janeiro de 1863 (seção alemã) contém o seguinte artigo, sob o título de *Fotografia Espectral*:

“Os americanos, que nos precedem em muitas coisas, certamente nos ultrapassam na arte da fotografia e na evocação dos Espíritos. Hoje, em Boston, não só os defuntos são evocados pelos médiuns, mas, ainda, fotografados. Deve-se essa descoberta maravilhosa a um tal William Mumler, de Boston.

“Há algum tempo – é ele próprio que conta – eu experimentava em meu laboratório um novo aparelho fotográfico, fazendo a minha própria fotografia. De repente senti uma certa pressão que se exercia sobre o meu braço direito e uma lassidão geral em todo o corpo. Mas quem descreveria o meu espanto quando vi meu retrato reproduzido e, à direita, a imagem de uma segunda pessoa, que não era outra senão minha falecida prima? A semelhança do retrato, no dizer dos que conheceram aquela senhora, nada deixa a desejar.

“Em conseqüência, desde essa época o Sr. Mumler não dá aos clientes apenas sessões espiritualistas, mas ainda executa fotografias dos defuntos evocados. São ordinariamente um pouco pálidas e embaçadas e os traços muito difíceis de reconhecer, o que não impede os habitantes de Boston, esclarecidos, declará-los verdadeiros, autênticos. Quem daria atenção a imagens espectrais!”

Semelhante descoberta, caso fosse real, por certo teria imensas conseqüências e seria um dos fatos de manifestações mais notáveis. Não obstante, exortamos a sua acolhida com prudente reserva. Os americanos que, no dizer do articulista, nos ultrapassam em tantas coisas, ensinaram que também nos distanciaram na invenção de mentiras.

Para quem quer que conheça as propriedades do perispírito, à primeira vista a coisa não parece materialmente impossível. Hão surgido tantas coisas extraordinárias que de nada nos deveríamos admirar. Os Espíritos anunciaram manifestações de uma nova ordem, ainda mais surpreendentes que as já vistas; a de que se cuida estaria, incontestavelmente, neste número. Mas, ainda uma vez, até uma constatação mais autêntica que o relato de um jornal, é prudente ficar em dúvida. Se a coisa for verdadeira, será vulgarizada. Seja como for, devemos nos guardar de dar credibilidade a todas as histórias maravilhosas, que os inimigos do Espiritismo se comprazem em espalhar para o tornar ridículo, bem como os que as aceitam muito facilmente. Além disso, é preciso pensar maduramente antes de atribuir aos Espíritos todos os fenômenos insólitos que se não podem explicar. Um exame atento mostra, na maioria das vezes, uma causa inteiramente material, que não tinha sido percebida. É uma recomendação expressa que fazemos em *O Livro dos Médiuns*.

Em apoio ao que acabamos de dizer e a propósito da fotografia espírita, citaremos o artigo seguinte, extraído da *Patrie*,

de 23 de fevereiro de 1863⁹. Ele nos põe em guarda contra os julgamentos precipitados.

“Um jovem lorde, portador de um dos nomes mais antigos e mais ilustres da câmara alta, cujo gosto apaixonado pela fotografia vale grandes e felizes sucessos a essa arte que, talvez, seja ainda mais uma ciência que uma arte, acaba de perder sua irmã, que amava com extrema ternura. Ferido no coração e lançado no mais profundo desânimo, que muitas vezes a mágoa produz, deixou seus aparelhos fotográficos e a Inglaterra, fez uma longa viagem pelo continente e só retornou à sua residência quase real de Lancashire depois de uma ausência de quase quatro anos.

“Como acontece geralmente, seu desespero havia passado do estado agudo ao crônico, isto é, sem ter perdido a intensidade, havia perdido a violência e pouco a pouco se transformava em sombria resignação.

“Quando os que sofrem buscam consolo, dirigem-se primeiramente a Deus, depois ao trabalho. Assim, pouco a pouco o jovem lorde retomou o caminho do seu laboratório e voltou aos seus aparelhos de fotografia.

“Por uma espécie de transação com sua dor, a primeira imagem que pensou em fotografar foi o interior da capela onde repousavam os restos mortais de sua irmã. Obtido o negativo, entrou no laboratório e, para obter uma prova, submeteu a placa de vidro às preparações ordinárias e expôs o clichê à luz.

“Lançando os olhos sobre a prova, quase caiu desmaiado. O interior da capela *surgia* com grande nitidez, mas a

9 **N. do T.:** Tudo indica que Allan Kardec não dava muito crédito às fotografias espíritas. Contudo, a própria *Revista Espírita*, cinco anos após a sua desencarnação, publicou fotografia póstuma do Codificador ao lado da esposa, então encarnada. Gabriel Delanne, em livro editado pela FEB (*O Espiritismo perante a Ciência*), trata do assunto com muita propriedade. Vide, ainda, o livro *Procès des Spirites* (Processo dos Espíritas), em francês, também editado pela FEB.

cabeça da jovem defunta aparecia vagamente na parte menos iluminada da fotografia. Distinguiam-se perfeitamente seus traços suaves e encantadores e até as longas ondulações de sua indumentária. Contudo, através destas, os menores detalhes da capela acentuavam-se claramente.

“A primeira reação do lorde foi crer numa aparição, mas logo sorriu tristemente abanando a cabeça. Com efeito, lembrou-se de que alguns anos antes, sobre aquela mesma placa de vidro, havia feito uma fotografia da irmã. Não tendo obtido resultado satisfatório, apagou o retrato e provavelmente apagou mal, pois seus vagos contornos hoje se confundem com a nova imagem impressa na chapa.

“Na Inglaterra, alguns artistas exploram essa bizarra aplicação da fotografia; fabricam e vendem imagens duplas, cujas combinações produzem efeitos estranhos ou engraçados. Entre outros nos mostraram um castelo em ruínas, abaixo do qual transpareciam seu parque, suas fachadas e torreões, tais como deveriam existir antes de sua destruição.

“Fazem ainda retratos de velhos, através dos quais seus rostos aparecem como nos mais belos tempos da juventude.”

Variedades

O *Akbar*, jornal de Argel, de 10 de fevereiro de 1863, estampa o seguinte artigo:

“O sr. bispo de Argel acaba de publicar, para a quaresma de 1863, uma instrução pastoral que cuida do *Espiritismo*, assunto muito na ordem do dia, sobre o qual o clero africano até agora tinha guardado silêncio. Eis as passagens que lhe dizem respeito:

“É o demônio quem dita a filósofos ilustres essas doutrinas malsãs, de dois princípios iguais, o bem e o mal, governando com a mesma autoridade, mas em sentido oposto: o Espírito e a matéria; o materialismo que tudo refere ao corpo e nada reconhece além do túmulo; o cepticismo que duvida de tudo; o fatalismo que desculpa tudo, ao negar a liberdade e a responsabilidade humanas; a metempsicose, a magia, e a *evocação dos Espíritos*, tristes e vergonhosos sistemas que inteligências pervertidas procuram ressuscitar em nossos dias... (Página 21).

“Que história lamentável não se faria dos empreendimentos diabólicos, a datar do cenáculo, partindo das sinagogas e do malabarismo de Simão, o Mago, para chegar, por meio de perseguições, cismas, heresias e incredulidades de toda sorte, ao *Espiritismo* de nossos dias, tão estupidamente copiado de um paganismo anterior a Moisés e por ele justamente difamado como uma abominação perante Deus.” (Página 24).

“Os que gostam de ouvir as duas partes, em toda questão litigiosa, têm inteira facilidade de o fazer, porquanto o Espiritismo teórico e prático está amplamente explicado em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, duas obras que se encontram em todas as livrarias de Argel. Se quiserem mesmo levar seus estudos mais longe, podemos acrescentar a essa pequena bibliografia a *Revista Espírita*, por Allan Kardec. Ao que nos parece, é o melhor meio de averiguar se o Espiritismo é, com efeito, obra do demônio, ou se, ao contrário, é uma revelação sob forma nova, como pretendem seus adeptos.”

Ariel

O Sr. Home veio a Paris, onde ficou apenas alguns dias. De vários lugares nos pedem informações sobre os extraordinários fenômenos que ele teria produzido perante augustas personagens,

dos quais alguns jornais falaram vagamente. Considerando-se que essas coisas se passaram na intimidade, não nos cabe revelar o que não tem caráter oficial e, menos ainda, comprometer certos nomes. Diremos apenas que os detratores exploraram o fato, como tantos outros, para tentar lançar o ridículo sobre o Espiritismo, por meio de relatos absurdos, sem respeito às pessoas nem às coisas. Acrescentaremos que a permanência do Sr. Home em Paris, bem como a qualidade das casas onde foi recebido, é um formal desmentido às infames calúnias, segundo as quais ele teria sido expulso de Paris, como, outrora, durante uma ausência sua, fizeram correr o boato de que estava preso em Mazas, por fatos graves, quando estava tranqüilamente em Nápoles, por razões de saúde. Calúnia! Sempre a calúnia! Já é tempo de os Espíritos virem expurgá-la da Terra.

Remetemos os nossos leitores aos meticolosos artigos que publicamos sobre o Sr. Home e suas manifestações, nos números de fevereiro, março e abril de 1858 da *Revista Espírita*.

Um artigo publicado no *Monde Illustré* sobre os supostos médiuns americanos, Sr. e Sra. Girroodd, também motivou vários pedidos de informações. Nada temos a acrescentar ao que já dissemos a respeito, na *Revista Espírita* de 1862, número de fevereiro, senão que vimos pessoalmente e que se vê com Robert Houdin coisas não menos inexplicáveis, quando não se conhece a astúcia. Nenhum espírita ou magnetizador, conhecendo as condições normais em que se produzem os fenômenos, pode levar a sério essas coisas ou perder tempo em discuti-las seriamente.

Certos adversários incompetentes quiseram explorar essas habilidades contra os fenômenos espíritas, dizendo que, desde que podiam ser imitados, é porque não existiam e que todos os médiuns, a começar pelo Sr. Home são hábeis prestidigitadores. Não percebem que dão armas à incredulidade contra si próprios,

uma vez que poderiam aplicar o argumento contra a maioria dos milagres. Sem realçar o que há de ilógico nesta conclusão e sem discutir novamente os fenômenos, diremos tão-somente que a diferença entre os prestidigitadores e os médiuns está no ganho dos primeiros e no desinteresse dos segundos, da imitação à realidade, da flor artificial à flor natural. Também não podemos impedir que um escamoteador se diga médium ou físico. Não há por que defender explorações desse gênero; deixamos essa tarefa à crítica.

Poesias Espíritas

POR QUE SE LAMENTAR?

(Grupo Espírita de Pau – Médium: Sr. T...)

Deus fez o homem ativo e livre e inteligente,
De seu próprio destino, artífice também.
Dois caminhos lhe abriu à escolha competente:
Um que ao mal o conduz; outro que o conduz ao bem.
E deles o primeiro é doce na aparência;
Porquanto esforço algum requer de quem o segue:
Sem cuidados quaisquer, só viver na indolência,
Em instintos brutais livremente prossegue,
É tudo o que é preciso. – O segundo caminho
Certo esforço requer, bom trabalho em ação,
Com vigilância atenta e sindicante alinhado,
Sempre ágil a razão e o instinto em contenção.
O homem, livre de optar, pode dar-se ao primeiro,
Na ignorância estagnar e na imoralidade;
Preferindo ao dever um sentir mais grosseiro,
À suprema razão, o instinto e a maldade.
Ou bem pode ele, então, dando dócil ouvido
A uma voz que lhe diz: “Nascestes pra crescer,
E sempre progredir, não treva retido.”
No segundo caminho um nobre anseio ter.
Da sua decisão o seu destino depende
Sombrio se vier de uma errônea visão,
Ou qual da noiva alegre um olhar sorridente
Àquele homem feliz que herdou seu coração.

Se fizestes o mal, podereis neste mundo
 Riquezas adquirir, títulos, honrarias;
 Mas do Espírito a calma, e esse prazer profundo
 Que nasce do ideal, promotor de alegrias
 Fugirão para sempre; e o remorso ingente
 A voz vos seguirá mesmo em vossos festins,
 Cruel a misturar com nota assaz dolente
 Vossos cantos de glória e estribilhos afins.
 Mas quando vos chegar cruel a hora fatal,
 Livre o Espírito, enfim, de seu corpo tão caro,
 Novamente entrará em seu curso moral,
 Onde a verdade é luz e o mal requer reparo,
 Onde o sofisma impuro, a lassa hipocrisia
 Acesso já não têm, pois tudo é luminoso,
 Fantasma acusador, vossa vida de orgia
 Surgirá ante vós, em toda a parte, ansioso.
 Vossos crimes serão, rico, os vossos carrascos.
 Desnudo ver-vos-ei; poderoso, sozinho;
 Pasmado fugireis qual corça, entre penhascos,
 Do caçador que a perde irado e em desalinho.
 Talvez que ébrio de orgulho e tanto sofrimento,
 Soltareis contra Deus grito blasfemador,
 Mas vossa consciência atenta, no momento,
 Elevará então seu brado vingador:
 “Homem, de blasfemar cesse a tua demência.
 “Deus já te criou livre, ativo, inteligente,
 “Para ti expressou seu querer e potência,
 “Artífice te fez de ti mesmo, e consciente.
 “Tens na vontade tudo, enfim, pra transformar
 “Teu mal em alegria. Além dos escarcéus,
 Olha alguém que o dever cumpriu e a caminhar,
 “Lutou muito e venceu, na conquista dos céus.
 “Como preço do esforço a mesma recompensa
 “Te espera. – Por que, pois, tanta lastimação?
 “Ergue-te. E a Deus, que é bom, roga assistência intensa;
 “Ora, trabalha e luta, e o céu terás, então.”

Um Espírito protetor

Observação – Não levamos em conta algumas irregularidades de versificação, tendo em vista as idéias expendidas.

MÃE E FILHO

(Sociedade Espírita de Bordeaux, 6 de julho de 1862 – Médium: Sr. Ricard)

Num berço rosa e branco uma criança,
Um belo anjo que um cântico embalava;
No olhar santo da mãe quanta esperança,
No filho, ébria de amor, terna o velava!...

Oh! como é belo o filho de minha alma!...
Dorme, querido, estou contigo, assim...
Ao despertares do carinho a palma
E teus beijos serão só para mim!...

Oh! como é belo!... Deus, tomais-me a vida
Se de mim o tirares, amanhã...
Guardai-o bem, vos rogo enternecida!...
Já sua boca murmurou: Mamã!!!...

Este nome tão doce... e se vigia
Na primavera qual raio de sol...
É palavra de amor cuja harmonia
Nos faz sonhar com o céu em voz bemoll!...

Oh! por seus braços ao ser enroscada,
Quando em meu seio lhe ouço o coração,
Eu sou feliz, minh'alma inebriada
Feliz partilha de excelsa emoção...

É tudo para mim... Ele é meu sonho!
Para ele só viver... é minha sorte.
Seiva de meu amor vivo e risonho,
Deste berço afastar-se deve a morte!!!...

Brevemente, meu Deus, por mim seguro
Vê-lo-ei ensaiar primeiros passos!...
Oh! que dia feliz... vem, vem futuro...
Eu temo que não chegues aos meus braços!

E mais ainda, eu na minha esperança
Bem grande o vejo e virtuoso e honrado,
A pureza do tempo de criança
De o conduzir feliz tendo guardado.

Oh! como é belo... Deus, tomais-me a vida
Se a desgraça o abater lá no amanhã!
Conservai-o, eu imploro, agradecida,
Já sua boca murmurou: Mamã!!!...

Mas está frio... e pálido seu lábio!
 Acorda, filho de meu coração!
 Vem sobre o seio meu... Ó Deus, és sábio,
 Vê que ele está gelado... E eu tremo, então!!

Ah! fez-se o fim! De viver já cessou!
 Desgraça sobre mim! Perdi meu filho!
 Deus sem piedade... enraivecida estou...
 Não sois um Deus de amor e justo brilho!

Este anjo de inocência que vos fez
 Para o tomardes já de meu amor?...
 Abjuro a minha crença, aqui, de vez...
 E aos vossos olhos morro em minha dor...

.....
 “Mãe!... Sou eu!... A minha alma se evolou
 “E o Eterno reenviou-me aos pés de ti.
 “Renega a raiva, mãe, que te manchou;
 “Retorna a Deus... trago-te a Fé, aqui!...

“Curva-te às leis de Deus para o teu bem.
 “És mãe culpada, em remoto passado...
 “Fizeste um filho teu morrer também:
 “Deus te puniu!... Pagá-lo pois te é dado!

“Toma este livro; ele te acalmará.
 “Ditado por Espíritos, o trilho,
 “Se o leres, mãe, de certo mostrará
 “Onde um dia, no céu, terás teu filho!!!

Teu Anjo-da-Guarda

Subscrição Ruanesa

Montante das contribuições depositadas no escritório da *Revista Espírita* e publicadas no número de fevereiro 1.491 fr. 40 c.

NOVAS CONTRIBUIÇÕES ATÉ 28 DE FEVEREIRO:

Sociedade Espírita de Paris (Na lista de fevereiro importava 423 fr.; nesta, 317 fr.; total 740 fr.) 317 fr.

Sociedades e Grupos Espíritos diversos. – Montreuil-sur-Mer, 74 fr. (não foi incluída na lista de fevereiro por engano); Mescher-sur-Girond, 32

fr. 50 c.; Carmaux (Tarn), 20 fr., Monerat e Saint-Gemme (Tarn), 40 fr.; Chauny (Aisne), 40 fr.; Metz, 50 fr.; Bordeaux (Sociedades e grupos Roux e Petit), 70 fr.; Albi (Tarn), 20 fr.; Tours, 103 fr. 30 c.; Angoulême, 18 fr. 467 fr.80 c.

Sócios diversos (Paris) – Srs. L... 5 fr.; Hobach, 40 fr.; Nant e Breul (Passy), 100 fr.; Doit, 1 fr.; Aumont, livreiro (2º pagamento), 5 fr.; Dufaux, 5 fr.; Mazaroz, 20 fr.; Queyras, 3 fr.; X..., 25 fr.; Dr. Houat, 20 fr.; Dufilleul, oficial de cavalaria, 10 fr.; X... (Saint-Junien), 1 fr.; L. D..., 2 fr.; X..., 5 fr.; Moreau, farmacêutico (Niort), 10 fr.; Blin, capitão (Marselha), 10 fr. (figurou na lista de fevereiro por 20 fr., em vez de 10 fr., considerados apenas no montante); J. L... (Digne), 3 fr.; Dr. Reignier (Thionville), 7 fr. 50 c.; Sra. Wilson Klein (Grão-Ducado de Bade), 20 fr.; B... (Saint-Jean d'Angely, 2 fr.; A... (Versalhes), 1 fr.; V... (Versalhes), 2 fr.; S... (Dôle), 2 fr.; Martner, oficial do Estado-Maior (Orléans), 10 fr.; Gevers (Anvers), 10 fr.; C. Babin (de Champblanc, por Cognac), 40 fr. 369 fr.50 c.

Espíritas e franceses de Barcelona (Espanha) – Sr. Jaime Ricart e filhos, 52 fr. 50 c.; Micolier, 5 fr.; Luís Nuty, 5 fr.; Jean Regembat, 5 fr.; Alex. Wigle, fotógrafo, 5 fr.; Ch. Soujol, 2 fr. 60 c.; X... 1 fr. 25c. 76 fr.35 c.

(Com a soma de 489 fr. 35 c., incluída na lista de fevereiro, Barcelona totaliza 565 fr. 70 c.)

Total 2.722 fr. 05 c.

Errata – Na lista de fevereiro, em vez de Lausat (de Condom), *lede* Loubat. – Em vez de Frothier (de Poitiers), *lede* Frottier. – Em vez de Bodin (de Cognac), *lede* Babin.

A subscrição continua aberta.

Deste montante, no dia 6 de fevereiro a *Revista Espírita* depositou 2.216 fr. 40 c. na conta aberta pelo *Opinion Nationale*, conforme nota inserida na décima-quarta lista publicada pelo referido jornal, em sua edição de 15 de fevereiro.

Frisamos que a maioria dos grupos e sociedades fizeram as suas contribuições em sua própria localidade. De Lyon nos enviam, entre outras, a seguinte lista de subscrições recolhidas em diferentes reuniões espíritas:

Groupe Desprêre, Avenida Carlos Magno, 57 fr. 95.; idem, dos Trabalhadores, 93 fr. 30 c.; idem Central, 123 fr.; reunião privada, 15 fr. 25 c.; idem, 32 fr. 50 c.; idem (Edoux), 22 fr.; subscrições isoladas, 316 fr. 50 c. – total 765 fr. 90 c.

A Sociedade de Saint-Jean d'Angely depositou a subscrição aberta na sub-prefeitura, 100 fr.

Allan Kardec